

O PROLETÁRIO

Nº 72
Março de 2008

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00 (um real) para o custeio da publicação do jornal.

| | |
|--|-------|
| Materialismo Histórico e Dialético. | 01-03 |
| A taxa de Lucro e a tendência a sua queda intrínseca ao modo de produção capitalista | 03-04 |
| A questão da tendência da queda da taxa de lucro | 04-07 |
| Algumas variantes implícitas na variação da taxa da mais-valia e no aumento ou não da taxa de lucro | 07-08 |
| O Estado capitalista como instrumento por fazer aumentar as taxas de lucro no conjunto da economia capitalista | 08-09 |
| A crise nos EUA | 09-10 |
| Defesa da Educação Pública | 10-11 |
| A luta pela Educação Pública no Brasil | 11-12 |
| Por uma educação socialista | 12-13 |
| O sistema educacional brasileiro | 13-14 |
| APEOESP | 14-16 |
| Abaixo o Porto Brasil Não à resolução da problemática da circulação das mercadorias do interesse do grande capital em cima da destruição do meio ambiente | |

Venham para os grupos de estudo de Marxismo
Se inscrevam com os distribuidores de o Proletário

Contatos:

Jornal *O Proletário*

Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

A ciência revolucionária do conhecimento humano: Materialismo Histórico e Dialético

Quando se observa uma planta dentro de um invólucro de vidro, isolada do mundo à sua volta, podemos abstrair que ela nasce, cresce e morre e daí tirar verdades universais: de que ela desfaleceria sobre a terra da qual nasceu fecundando a mesma com seus restos mortais para uma nova geração de plantas; depurando assim o ciclo da existência dos vegetais. Pode-se mesmo projetar tais considerações como uma imutável e inquestionável verdade científica pela lógica empírica que lhe foi aplicada.

É isto que contesta o materialismo histórico e dialético. Pois para que se trave uma abordagem realmente científica do estudo do reino dos vegetais, não podemos considerar a planta isolada do meio-ambiente em que se desenvolve, uma vez que, este é imprescindível à sua existência. Da planta que cresce, se alimentam animais, que também respiram e interagem com seu meio, também padecem fecundando a terra e servindo, enfim, indiretamente, de alimento para estas mesmas plantas. Um ciclo diversificado de espécies e formas de vida dotado de infinitas possibilidades, dotado de movimento.

Sobre este movimento – o movimento da natureza e as leis que o regem – se debruça o materialismo histórico e dialético; situando o mundo em constante transformação. Com o olhar precipitado, unilateral, tendencioso e dogmático que impera sobre o conjunto do conhecimento humano, impregnado pela divisão do trabalho, não se pode assimilar a trajetória da energia viva que desprende da planta através das formas e espécies.

A partir de meados do século XV se retoma o desenvolvimento do saber científico, cerceado durante os séculos pelos segredos universais da classe dominante segundo os seus interesses. Com a Renascença e o conjunto das incitações sociais que sucederam-se desde então,

suscitadas pela subversão aos sagrados regimes de exploração de classe, se apresentava mais uma vez possível a libertação do conhecimento humano em função da própria labuta das classes exploradas e excluídas da produção intelectual. A luta contra o entesouramento do conhecimento dialético e contra o enclausuramento do pensamento científico feito pela Igreja, combatidos violentamente pela Inquisição.

Contudo, diversas vertentes das classes sociais empenharam-se em destilar uma lógica científica que pudesse amparar suas aspirações. Não é surpresa que o conhecimento humano tanto tempo privado, continuasse a ser restrito à maioria, ficando a cargo dos intelectuais idealistas assentados pela burguesia ascendente (neste período). Por um Socialismo que amparasse todas as classes harmoniosamente e que fizesse emergir da luta de classes a nova classe dominante, a burguesia sustentou o estudo “científico” que justificasse a nova estrutura de exploração do homem. Surge daí os preceitos naturalistas que almejaram comprovar a justeza de suas políticas sociais capitalistas tal qual na sua concepção abstrata da própria natureza: como na lei do mais forte justificando a selvageria capitalista; a lei da seleção natural institucionalizando a exploração de um homem por outro e a política racial; a dissimulação da luta de classes com sendo esta um processo natural da cadeia evolucionária.

Para tanto, a busca pelo conhecimento não poderia ser plena a ponto de identificar as contradições dos regimes de exploração edificados pelo próprio homem. Assim denominavam materialismo essas empreitadas intelectuais burguesas que se valiam da lógica de causa e efeito para postular a base de uma nova estrutura social que contemplasse as aspirações burguesas que, por sua vez, não se assentavam tanto sobre o direito sagrado, mas na anomalia

evolucionária que seus “cientistas” procuravam demonstrar.

Diante desta ordem de coisas, Marx e Engels dedicaram-se a combater estes novos preceitos abstratos do saber, apontando como ciência revolucionária o método que resgata o progresso do conhecimento humano pela ruptura com todas as suas amarras sociais. Conceberam que a história da humanidade é a história da luta de classes. Abordando dialeticamente a evolução do homem verificaram que o desenvolvimento das forças produtivas, pela socialização do trabalho, permitiu ao homem uma condição especial ante o trabalho tão comum e imprescindível a todos os seres vivos; a peculiaridade fundamental de planejar a produção numa escala sem igual. Situaram que em dado momento, impelido pela imaturidade das forças produtivas, viu-se surgir e transformar lentamente a família (gens, fratrias e nações sucessivamente) até a institucionalização da propriedade privada – a expropriação do homem – e na edificação do Estado. Que a partir da base material das sociedades – compreendida pelo grau de desenvolvimento da forças produtivas, pelas relações de produção e apropriação/distribuição desta – se determinam as relações sociais em cada período. Que enquanto a sociedade estiver assentada sobre uma base material contraditória, produzir-se-á conflitos que culminarão na falência e ruptura com seu próprio regime, pois cada um desses regimes estagnar-se-á o desenvolvimento das forças produtivas.

Em contraposição ao social idealismo que se ia configurando cada vez mais forte em sua época (hoje institucionalizado amplamente), o materialismo histórico e dialético põe por terra as concepções pacíficas de conciliação de classes comprovando que a violência é parteira da sociedade, pois que o desfecho de cada período histórico se dá pelas contradições já expostas no processo de luta de classes.

O direito a exploração do trabalho, a apropriação individual da produção coletiva (acumulação do excedente por uma minoria

dominante), à propriedade privada dos meios de produção foram direitos edificados pela força e só podem ser sustentados por esta. Sendo a classe dominante (hoje a burguesia) detentora de todo poder coercitivo e de repressão para garantir seus interesses, fatalmente só poderá ser despojada deste por uma força contrária e revolucionária que transforme a base estrutural do regime antecessor – através de uma Revolução Social. Hoje a ruptura com este regime imperante de exploração do trabalho e acumulação das riquezas, só pode significar a ruptura com sua base estrutural contraditória incitada e dirigida pelo sujeito histórico que a visualiza e repudia – o proletariado moderno. Por um sistema sem a exploração do trabalho, pela coletivização dos meios de produção (fim da propriedade privada destes), pela Ditadura do Proletariado contra a miragem da representatividade burguesa; para desamarrar definitivamente o desenvolvimento das forças produtivas e do conhecimento humano.

A compreensão do mundo em constante movimento é imprescindível para identificar as contradições principais de determinado fenômeno (como o são os regimes de exploração de classes, como o é o capitalismo) e os mecanismos para sua superação. A renúncia e a dissimulação aos preceitos conquistados como marxismo, pois, configuram como um ataque direto ao materialismo histórico e dialético como uma ciência, tornando-o letra morta pela boca dos intelectuais pequeno-burgueses e revisionistas. Está contido no legado do marxismo a análise do processo da degenerescência social devido às suas contradições estruturais e contidos também os apontamentos dos mecanismos para sua superação.

Postular, por exemplo, que o capitalismo transcendeu sua forma original de acumulação de capital, de exploração do homem ou afirmar que lhe é possível vencer certas contradições estruturais e até mesmo coexistir em sua crise desenvolvendo as forças produtivas, não é mais que um retrocesso no processo de ruptura. Tratar-se-á de uma vociferação fugaz de materialismo

barato vez que para tanto – para conceber crescimento dentro do capitalismo (como em outros regimes contraditórios) – é necessário renunciar ao materialismo histórico e dialético e ignorar sua análise conjunta da decadência expressada por sua crise estrutural de superprodução, intensificada na fase superior e última do capitalismo: o imperialismo.

Como a planta não pode deixar de empreender o processo de fotossíntese para existir, também não pode o capitalismo abdicar do processo de acumulação do capital através da exploração do trabalho, da expropriação generalizada e do confronto de forças produtivas. Muito embora a planta se aproxime ou afaste do sol, se feche ou se abra ao crepúsculo, ela processa fotossíntese; assim como o

capitalismo acirra suas contradições irremediáveis agonizando no encerramento de seu único processo cíclico de degeneração. Configurando-se assim, como mais um ciclo na história das sociedades, na história da luta de classes.

Sendo o capitalismo um fenômeno dialético do processo de luta de classes que, diferentemente das plantas, não pode manter-se ou reproduzir-se naturalmente, ambiciona fazê-lo de forma mecânica. Compreender, pois, os câmbios e articulações do capital em agonia como sendo suas novas e sucessivas bases materiais de acumulação de capital não é como analisá-lo em movimento (histórica, dialética e cientificamente) – pois que se movimenta para a morte, seja correndo ou mancando –, mas hipnotizar-se por seu movimento.

A taxa de Lucro e a tendência a sua queda intrínseca ao modo de produção capitalista

Esclarecemos que neste artigo, as citações (em itálico) foram retiradas da obra *O Capital*, Volume IV, Difusão Editora S/A (1983), de K. Marx.

A soma GERAL do capital é D-M-D': lança-se uma soma de valor na circulação, para retirar dela soma maior. O processo que gera essa soma maior é a produção capitalista; o processo que realiza em dinheiro é a circulação do capital. O capitalista não produz a mercadoria por amor a ela, pelo valor-de-uso que encerra, nem para consumi-la pessoalmente. O produto que o interessa efetivamente não é o produto concretamente considerado, mas o valor excedente do produto acima do valor do capital consumido para produzi-lo. (p.44)

Reforça seu ponto de vista a circunstância de a proporção real de seu ganho ser determinada não pela relação deste com o capital variável, mas com o capital todo, não pela taxa da mais-valia, mas pela taxa de lucro, que, conforme veremos, pode permanecer a mesma e, apesar disso, corresponder a taxas de mais-valia diferentes. (p.45)

No processo de circulação aparece, ao lado do tempo de trabalho, o tempo de circulação, que limita a quantidade da mais-valia realizável em determinado prazo. Outros fatores, oriundos da circulação, intervêm, de maneira decisiva no processo imediato de produção. Ambos, o processo imediato de produção e o processo de circulação, confluem constantemente, interpenetram-se e assim mascaram, sem cessar, as características que os deferenciam. A produção da mais-valia e a do valor em geral assumem no processo de circulação, conforme vimos, novas qualificações; o capital percorre o ciclo de suas metamorfoses, saindo por fim de sua vida orgânica interna e estabelecendo relações de vida externas, em que se confrontam não capital e trabalho, mas, de um lado, os capitais e, do outro, os indivíduos na posição apenas de vendedores e compradores; entrecruzam-se os caminhos do tempo de circulação e do tempo de trabalho e ambos igualmente parecem determinar a mais-valia;

a forma inicial em que se defrontam capital e trabalho assalariado é disfarçada pela intromissão de relações independentes dela na aparência; a própria mais-valia não resulta mais de apropriar-se o capitalista de tempo de trabalho, tomando a feição de excedente do preço de venda das mercadorias sobre o preço de custo, que, por isso, facilmente se apresenta como valor intrínseco, de modo que o lucro aparece como excedente do preço de venda sobre o valor imanente das mercadorias. (p.47)

A taxa de lucro difere quantitativamente da taxa de mais-valia, embora mais-valia e lucro sejam de fato idênticos e quantitativamente iguais; entretanto, o lucro é forma transfigurada da mais-valia, desta dissimulando e apagando a origem e o segredo da existência. A mais-

valia aparece sob a forma de lucro, e é mister a análise para dissociá-la dessa forma. Na mais-valia se põe a nu a relação entre capital e trabalho; na relação entre capital e lucro, isto é, entre capital e mais-valia – onde esta aparece como excedente sobre o preço de custo da mercadoria, convertido em dinheiro no processo de circulação e mensurando por sua relação com a totalidade do capital – apresenta-se o capital como relação consigo mesmo, uma relação em que, como soma inicial de valores, se distingue do valor novo por ele mesmo criado. Sabe-se que produz esse valor novo, ao movimentar-se através dos processos de produção e de circulação. Mas, fica dissimulada a maneira como isso ocorre, parecendo que o valor excedente provém de propriedades ocultas, inerentes ao próprio capital. (p.51-52)

A questão da tendência da queda da taxa de lucro

Ora, vimos ser uma lei do modo de produção capitalista que, ao desenvolver-se ele, o capital variável decresce relativamente, comparado com o constante e por conseguinte com todo o capital posto em movimento. Em outras palavras, o mesmo número de trabalhadores, a mesma quantidade de força de trabalho, obtida por capital variável de valor determinado, em virtude dos métodos de produção peculiares que se desenvolvem dentro da produção capitalista, mobiliza, emprega, consome produtivamente, no mesmo espaço de tempo, massa crescente de meios de trabalho, de máquinas, de capital fixo de toda espécie, de matérias-primas e auxiliares, em suma, um capital constante com magnitude cada vez maior de valor. Esse gradual decréscimo relativo que o capital variável experimenta, confrontado com o constante e portanto com todo o capital, identifica-se com a ascensão progressista da composição orgânica do capital social médio. É apenas outra maneira de expressar-se o desenvolvimento progressivo da produtividade de o mesmo número de trabalhadores, no mesmo tempo, com o emprego crescente de máquinas, de capital fixo em geral, transforma em

produtos quantidades maior de matérias-primas e auxiliares, havendo portanto redução de trabalho. A esse montante crescente do valor do capital constante – embora só de maneira longínqua represente ele o acréscimo de massa efetiva dos valores-de-uso que constituem materialmente o capital constante – corresponde redução crescente do preço do produto. Cada produto individual, isoladamente considerado, passa a conter quantidade menor de trabalho, tomando-se por termo de comparação estágios inferiores de produção onde o capital desembolsado em trabalho é muito maior relativamente ao empregado em meios de produção. As equações que propusemos no início expressam portanto a tendência real da produção capitalista. Essa tendência produz, simultaneamente com o decréscimo relativo do capital variável em relação ao constante, cada vez mais elevada composição orgânica do capital global, daí resultando diretamente que a taxa de mais-valia, sem variar e mesmo elevando-se o grau de exploração do trabalho, se expresse em taxa geral de lucro em decréscimo contínuo (mais adiante veremos por que esse decréscimo não se concretiza nessa forma absoluta, mas em

tendência à queda progressiva). A tendência gradual, para cair, da taxa geral de lucro é portanto apenas expressão, peculiar ao modo de produção capitalista, do progresso da produtividade social do trabalho. A taxa de lucro pode, sem dúvida, cair em virtude de outras causas de natureza temporária, mas ficou demonstrado que é da essência do modo capitalista de produção, constituindo necessidade evidente, que, ao desenvolver-se ele, a taxa média geral da mais-valia tenha de exprimir-se em taxa cadente de lucro. (p.242-243)

Várias são as interferências que implicam nesta problemática. Marx, na obra “O Capital”, desenvolve várias explicações das alternativas e das diversas possibilidades de aumento, queda ou manutenção das taxas de lucro anteriores. Marx nos ensina que a linha de pensamento e fundamentação teórica para a queda tendencial da taxa de lucro é o aumento do capital constante em relação ao variável. De que na concorrência e na conseqüente modernização da maquinaria - desenvolvimento das forças produtivas, especificamente do capital constante com vistas a uma maior produtividade do trabalho e, por conseguinte, maior exploração da mais valia -, nem sempre resulta na elevação da taxa de lucro dependendo esta última da análise da totalidade do capital investido na produção/circulação (composição orgânica do capital).

Marx define a mais valia e taxa de lucro como:

A razão que existe entre a mais-valia e o capital variável é a taxa de mais-valia, e a que existe entre a mais-valia e a totalidade do capital é a taxa de lucro. São duas mensurações diferentes da mesma magnitude, expressando proporções ou relações diferentes da mesma grandeza, em virtude da diferença entre as unidades de medida empregadas. (p.46)

Há que se notar que o aumento da produtividade simplesmente, apesar de aumentar a taxa de mais valia, não reflete as

vezes em aumento da taxa de lucro no conjunto da economia, visto que a realização do capital se dá na produção/circulação e a taxa de lucro como totalidade do ciclo e metamorfose deste.

Dois aspectos do fenômeno

1) A queda da taxa de lucro em si:

A produtividade do trabalho – cuja influência na taxa de mais-valia foi pormenorizadamente estudada no livro primeiro, parte quarta – pode influir diretamente na taxa de lucro, pelo menos de um capital individual, se, conforme expomos no Livro primeiro, Capítulo X, pp. 363-65, esse capital individual trabalha com produtividade superior à social média das mesmas mercadorias, realizando assim um lucro extraordinário. (p.55)

O desenvolvimento da produção e da acumulação capitalista leva a processos de trabalho em escala, em dimensões cada vez maiores, e em conseqüência a desembolsos crescentes de capital para cada estabelecimento particular. Por isso, além de ser uma das condições materiais delas, é um dos resultados por elas produzidos, a concentração crescente dos capitais, acompanhada, embora em proporção menor, de aumento do número dos capitalistas. Junto e em interação com isso, há a expropriação progressiva dos produtores diretos ou indiretos. Fica assim compreensível a circunstância de capitalistas isoladamente considerados comandarem exércitos crescentes de trabalhadores (por mais que o capital variável diminua em relação ao constante), e a de aumentar a massa da mais-valia de que se apropriam e por conseguinte o montante do lucro, simultaneamente com a queda da taxa de lucro e apesar dessa queda. As causas que concentram grandes massas de trabalhadores sob o comando de capitalistas individuais são as mesmas que aumentam em proporção crescente a massa do capital fixo aplicado, a das matérias-primas e auxiliares, em confronto com a

massa do trabalho vivo empregado”. (p.250-251)

A tendência de queda da taxa de lucro é totalmente intrínseca ao sistema capitalista e por sua vez ao fenômeno da superprodução, acumulação, concentração de capital e massificação dos miseráveis, manifestado como programa por Marx e Engels desde o Manifesto Comunista. Não tem nenhuma razão os teóricos que falam em nome do marxismo de opor um fenômeno ao outro.

O que Marx vai nos explicar exhaustivamente em “O Capital” é a contradição entre o desenvolvimento dos meios de produção e o conjunto das forças produtivas e a relação de produção advinda da propriedade privada burguesa, como causadora dos dois males inter-relacionados.

Trotsky expressou no Programa de Transição que, com a estagnação das forças produtivas a burguesia passou a viver do capital acumulado. Esta citação tem levado a uma série de horrores de diversas correntes reivindicantes do marxismo. Não é bem assim, e se fosse simples Marx não teria dedicado exaustivo tempo para explicar tais fenômenos.

2) As variantes momentâneas e históricas da composição orgânica do capital e as variantes em relação a taxa de lucro.

Maravilhas são alcançadas nas forças produtivas, verdadeiros saltos de qualidade e quantidade, aumentando a produtividade e aumentando a mais valia e a taxa de lucro específica. Ocorre que, ao generalizar tal tecnologia de novo volta-se a situação anterior, com o agravante da estreiteza das manobras de aumento de produtividades, instalando assim, entre os capitalistas uma encarniçada corrida pelas inovações tecnológicas.

Se v [capital variável] cai de 30 para 20, por se empregar 1/3 menos de

trabalhadores, ao mesmo tempo que aumenta o capital constante, teremos o caso normal da indústria moderna: produtividade crescente do trabalho, domínio de quantidade maiores de meios de produção por menos trabalhadores. Na parte terceira deste livro ver-se-á que este movimento está necessariamente ligado à queda simultânea da taxa de lucro. (p.63)

E continua Marx:

A Taxa de lucro é assim determinada por dois fatores principais: a taxa de mais-valia e a composição do valor do capital. (p.76)

O principal meio para diminuir o tempo de produção é aumentar a produtividade do trabalho, o que se chama geralmente progresso industrial. E em consequência, sobe necessariamente a taxa de lucro, a não ser que a totalidade do capital investido aumente consideravelmente com o emprego de maquinaria custosa, etc. e reduza assim a taxa de lucro a calcular sobre o capital. E é sem dúvida o que sucede com muitos dos recentes progressos da metalurgia e da indústria química. Os novos processos de produzir ferro e aço, descobertos por Bessemer, Siemens, Gilehrst-Thomas e outros reduziram a um mínimo, com custos relativamente pequenos, o tempo exigido pelos métodos anteriores extremamente demorados. (p.79)

Aqui basta lembrar que, dada a população trabalhadora, se sobe a taxa de mais-valia, seja prolongando-se ou intensificando-se a jornada de trabalho, seja reduzindo-se o valor do salário em virtude de desenvolver-se a produtividade do trabalho, cresce necessariamente a massa de mais-valia e por conseguinte a massa absoluta de lucro, apesar de o capital

variável diminuir em relação ao constante (p.251)

Marx explica que as várias possibilidades de aumento, queda ou permanência da taxa de lucro às diversas situações não se dá em linha reta e unânime da relação capital constante e variável, ao ponto de ocorrer aumento do capital variável e a simultânea queda da taxa de lucro.

O ponto de partida para se argumentar se há ou não queda da taxa de lucro é a análise da economia no seu conjunto. Pois, pode haver queda ou aumento da taxa de lucro em determinado ramo da produção e no conjunto ocorrer o contrário. O grande problema colocado é o acesso aos dados gerais da produção, circulação e consumo no presente sistema.

Algumas variantes implícitas na variação da taxa da mais-valia e no aumento ou não da taxa de lucro:

→ A variação do capital constante em relação ao variável. O aumento do capital constante em relação ao capital variável (nem sempre diminui a taxa de lucro). Vários são os fatores que interferem nesta relação de aumento, queda da taxa de mais-valia e da taxa de lucro;

→ Diminuição ou aumento dos salários;
→ Aumento ou diminuição da jornada de trabalho;

→ Aumento do desemprego, pois assim como os baixos salários interfere de forma acentuada na conformação final da circulação e consumo;

→ Aumento ou diminuição da produtividade (aqui vemos as reestruturações produtivas e a modernização da maquinaria). Os capitalistas na busca por melhores condições para a realização do lucro, da concorrência, de melhores condições para ganho de produtividade e desova de suas mercadorias (no sentido de completar o ciclo do capital com a circulação e finalmente, o consumo), modernizam as máquinas, acentuam a divisão do trabalho, reduz os salários, e capital variável, prolongando na maioria das vezes a jornada de trabalho;

→ A problemática da circulação das mercadorias (vimos hoje no exemplo do Porto Brasil em que se projeta um Parque Industrial às corporações e as multinacionais capitalistas no sentido da linha de montagem desovar as mercadorias diretamente nas grandes embarcações). Um grande entrave atravessa o grande capital: exatamente o problema dos transportes e do trânsito, os capitais acabam lutando contra os próprios capitais. Na circulação (elemento fundamental e influente nos ganhos gerais e na taxa de lucro) acaba por confrontar interesses capitalistas uns contra outros (razão do não planejamento e da anarquia reinante neste sistema), vejamos: As estradas de ferro foram dando lugar às multinacionais automobilísticas. O transporte sobre pneus e petróleo acabou se incorporando ao capitalismo como o sistema circulatório do corpo humano. A par da expulsão do homem do campo para ser transformado em mão de obra barata nas grandes cidades sem nenhum tipo de planejamento duradouro, compareceu intrínseco a estas o caos do transporte. Os altos custos e o caótico trânsito, interrompe a sede por aumentar as taxas de lucro dos capitalistas. Os baixos salários, a extensão da jornada, o fator tecnológico (modernização da maquinaria) são instrumentos do conseqüente aumento da produtividade, da extração cada vez maior da mais-valia.

O principal meio de abreviar o tempo de circulação é o processo dos transportes e comunicações. Nesse domínio operou-se durante os cinquenta anos uma revolução com que só se pode comparar a revolução industrial da segunda metade do século anterior. Em terra, a ferrovia colocou em plano inferior a estrada mecanizada; no mar, as linhas regulares dos vapores eclipsaram os irregulares e lentos navios a vela, e as linhas telegráficas cingem o globo terrestre. Só agora, a bem dizer, o canal de Suez abriu a Ásia Oriental e a Áustria ao tráfego a vapor. Em 1847 o tempo de circulação de mercadoria remetida à Ásia Oriental

era pelo menos de doze meses (ver livro segundo, pp. 267s), o que hoje pode ser reduzido aproximadamente ao mesmo número de semanas. (p.79-80)

Toda uma situação dada em função do exercício e metamorfose dos capitais, que necessitam confirmar a extração da mais valia e sua realização em taxa de lucro na esfera da produção e circulação no seu conjunto (economia mundial).

O Estado capitalista como instrumento por fazer aumentar as taxas de lucro no conjunto da economia capitalista

A crise estrutural do capitalismo faz surgir novas e entrelaçadas reestruturações produtivas (fordismo, taylorismo, toyotismo) no campo direto da produção. Enxugamento das plantas, just in time, espaço, tempo (logística) e principalmente reforço e intensificação ideológica e disciplinar, vão modelando, à imagem e semelhança da crise estrutural do sistema. O Estado comparece como salvaguarda e de homogeneização (pelo menos como tentativa), por impor as políticas e as decisões de conjunto do grande capital mundial.

Visando contrabalancear as quedas das taxas de lucros e todas as dificuldades que vão se somando à economia capitalista, o outrora Estado de bem estar social vai se dissolvendo enquanto tal, se tornando e avolumando como Estado diretamente fascista. Totalmente a serviço da classe dominante, assumindo integralmente as Parcerias Público/Privadas. As grandes corporações e impérios capitalistas assumem para si o controle do mais longínquo “Estado Nacional” (De longe, não estamos dizendo que o Equador está errado em reivindicar a sua soberania fronteiriça).

Aos orçamentos públicos são dadas outras prioridades: não aos serviços públicos e inclusive a Educação, previdência, saúde e etc. e sim ao socorro dos grandes capitalistas com vistas ao aumento das taxas de lucros, o que era público se torna privado e o Estado assume de vez seu papel de força de repressão, de administração e socorro burguês.

Ninguém, de bom senso e usando da lógica material, diante da magnitude da crise de direção do proletariado mundial, pode duvidar da capacidade e do poderio econômico da burguesia mundial de tudo fazer por garantir as taxas de lucro e que as adequações do Estado acabam por impor. Os direitos trabalhistas e sociais são eliminados, a barbarização das relações de produção são o instrumento momentâneo e vão se aprofundando a longo prazo para manter os apetites do capital.

Por fim, o grande dilema dos “Marxistas modernos” é exatamente estudar e analisar os fenômenos no seu conjunto com todas suas variantes. O método capaz desta análise não pode ser outro que o materialismo histórico e dialético.

As grandes e sábias análises destes marxistas modernos acabam opondo a taxa de lucro à mais-valia, retirando da esfera da produção e do operariado moderno as diretrizes políticas essenciais da transformação. E ainda opõem a queda da taxa de lucro às crises de superprodução. Acabam estes teóricos indo para a esfera do lucro (causa e efeito), rompendo com o método do materialismo histórico e dialético.

Desta forma, o idealismo está presente em nossos dias necessitando de um Anti-Duhring e de um permanente combate à ideologia alemã (em si) ainda presente em nossos dias. (Esclareça-se: trata-se, aqui, daquele combate travado nos moldes de “A Ideologia Alemã”, de F. Elgels).

Com a concentração do capital, o domínio do capital financeiro, as dificuldades impostas pela tendência de queda da taxa do lucro intrínseca ao modo de produção capitalista, acaba por acarretar investimento parasitário por fora da produção de somas e mais somas de capital acumulado em negócios de rendimentos fáceis, porém sem bases reais na economia capitalista e na riqueza material, aguçando ainda mais as contradições do sistema calcado na

propriedade privada dos meios de produção e na exploração da mais-valia.

As oscilações do mercado mundial e os craques nas bolsas no mundo são fenômenos desta magnitude e inerentes ao capitalismo e suas crises cíclicas. A economia não reflete a realidade da produção, circulação e consumo, rompendo assim o próprio ciclo do capital.

A Crise nos E.U.A

A crise cíclica do regime capitalista se manifesta de forma permanente no Império americano e reflete diretamente as manobras do capital especulativo

A supremacia econômica, política e militar do principal centro do capital financeiro mundial – os E.U.A – acaba por camuflar e criar um desenvolvimento fictício dos meios de produção, totalmente artificial imposto e controlado pela Bolsa de Valores e diretamente manipulado pelo sistema financeiro.

As contabilidades das corporações e empresas diretamente ligadas à produção de mercadorias e de serviço são totalmente manipuladas e falsificadas. As maiores empresas e bancos estão sob constante suspeita, apesar de nada acontecer, salvo uma ou outra que a concorrência foge do estrito controle do império centralizado. A título de exemplo, foi o ocorrido no caso da WorldCom, que declarou, entre 1999 e 2001, nove mil milhões de dólares a mais sobre os seus lucros. A falsificação das taxas e lucros das empresas e corporações americanas tem sido uma constante. Ao par desta manobra, comparece a valorização das ações destas empresas que triplicam seus títulos no mercado acionário. Uma economia totalmente fictícia. Outro exemplo que veio à tona, foi o caso dos subprime do mercado imobiliário, em que os títulos precarizados e de total risco eram altamente valorizados e negociados no mercado acionários por fortunas. A queda tendencial da taxa de lucro do capitalismo americano é forjada

inversamente no mercado e ações. Esta é a essência da crise que perfaz o presente momento econômico mundial.

Os ciclos de crises e do boom no “desenvolvimento capitalista e taxa de lucro” americano são determinados pelo Wall Street, pelo saque imperialista e a inversão de somas de capital “estatal” na industrial armamentista, com as guerras e ocupações permanentes como a do Iraque. Esta situação se arrasta do pós-guerra até nossos dias.

Os mecanismos de manobra vão se limitando e o estouro está realmente por vir, nada está descartado: novos espaços de manobras (como o ocorrido na diminuição da taxa de juros ou mesmo a nova perspectiva que derrubou o preço das commodities e fez somas de capitais se voltarem de novo aos títulos do governo americano, retomando o dólar suas posições. Ou ainda, resolução do problema com a intensificação do mecanismo do aquecimento da indústria da guerra ou mesmo um confronto inter-imperialista sem precedentes, que poderia culminar em uma 3ª grande guerra mundial. De certo, é que temos uma quebra de US\$ 2 trilhões só neste ano e se projeta uma perda nos próximos dias da ordem de US\$ 6 trilhões, que é a soma prevista destes capitais de risco espalhados pelas Bolsas no mundo.

A crise imobiliária dos E.U.A não é meramente uma crise americana, pois o reflexo de sua crise atinge escalas mundiais e, por sua vez, também reflete a tendência predominante no planeta.

Embora os E.U.A tenham vivido a bolha da internet com a WorldCom, o ataque de 11 de setembro e agora a crise do subprime, mesmo assim, continuam de pé, pois a acumulação de capital neste país é interminável, mesmo que fictício e pela guerra de rapina.

A resposta desse ataque veio em forma de guerra contra o Iraque, cujo objetivo principal foi e é aquecer as indústrias armamentistas e a construção civil.

Na crise atual, concentrada no mercado imobiliário, ainda se mantêm alguns trunfos, pois tiveram nos últimos anos lucros com ganhos vindo de fora de seu solo na exportação devido o dólar baixo em relação ao euro, situação que não pode perdurar, devido a recessão que já está em total andamento, com a diminuição de milhares de postos de trabalho o que vai levar e já está em andamento uma necessidade da redução do consumo.

As manobras do capital financeiro à custa do sangue e morte dos trabalhadores, os desmandos e manobras do grande capital e sua barbárie só será contido com a entrada em sena do movimento operário Internacional. Por isso:

Conclamamos os lutadores do planeta a aderirem à convocação de uma Conferencia Internacional dos trotskistas principistas, atendendo ao chamado e conclamação da Fração Leninista Trotskista (FLT), em prol da organização da resistência contra a barbárie capitalista e a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária.

Defesa da Educação Pública

Uma Introdução necessária

O drama da Educação Pública é resultado e consequência da crise estrutural do sistema capitalista. Os meios de produção, ou seja, a base material é que determinam à sua imagem e semelhança as teorias do conhecimento, a educação, o mundo das idéias e a própria evolução do ser humano.

Os principais teóricos, do ponto de vista do proletariado, nos apontaram os caminhos para solucionar os problemas por que passa a humanidade: socialização dos meios de produção, do produzir a vida pela

subsistência, (produção e reparte desta produção igualmente).No planejamento universal em harmonia Sociedade/ Natureza, como realizador da educação da humanidade rumo ao fim das classes sociais, por uma divisão social do trabalho e como condicionante do próprio desenvolvimento desta humanidade, da vida em abundância, do desvendar dos fenômenos em todas suas dimensões.

Para os lutadores do Movimento Socialista esta deve ser a estratégia a ser perseguida diuturnamente. Sair desta perspectiva apontando para melhoria

qualitativa e libertadora da educação no presente sistema de propriedade privada dos meios de produção - com sua conseqüente divisão do trabalho e o anti-planejamento

universal dos produtores/consumidores -, se torna puro charlatanismo, que é próprio da cultura e saber explorador e burguês.

A luta pela Educação Pública no Brasil

Dentro dessas premissas introdutórias, uma série de ações e reivindicações deve ser planejada no marco nacional em estreita consonância e interligação com a luta do proletariado moderno internacional.

Assim, uma segunda premissa deve ser levada em consideração como essência de um programa pela melhoria da educação no Brasil é o internacionalismo proletário.

Como uma terceira premissa comparece, como fundamento inseparável desta luta, a defesa das necessidades vitais dos seres humanos no tocante a sua produção e reprodução em todos os seus aspectos, quais sejam:

→ A luta pelo salário mínimo real para os educadores e educandos e para toda a classe trabalhadora;

→ A luta pela jornada correspondente às condições adequadas à educação e a vida dos trabalhadores em geral eliminando, por exemplo, a anti-educação inserida nas disposições constitucional em possibilitar dois cargos de até 64 horas/aulas no ensino público e a possibilidade de um terceiro emprego na rede de ensino ou empresa particular;

→ Por uma jornada única na educação, de 20 horas/aula e o salário mínimo real de R\$ 3.000,00 no início da carreira;

→ Carreira compatível com o permanente aprendizado na perspectiva da divisão social do trabalho (ensino universal do conhecimento acumulado pela humanidade);

→ Salas de aulas com no máximo 20 estudantes;

→ Defesa da Educação voltada para o desenvolvimento da humanidade, para o produzir para todos, sem a exploração do trabalho;

→ Uma Educação na sua totalidade, visando a divisão social do trabalho e não a formação de mão de obra para o mercado;

→ Não a Educação voltada para a cidadania capitalista que nada mais é que mentira de igualdade e de direitos, que só aos proprietários dos meios de produção são reservados;

→ Uma Educação que aspire ao planejamento mundial da produção e o reparte desta para todos, e não para o atendimento das reestruturações produtivas, visando lucro e sua barbarização na tentativa de reverter a tendência de queda da taxa de lucro intrínseca ao capitalismo;

→ Uma Educação que seja de responsabilidade de todos, não só dos professores e da família burguesa;

→ Formação dos professores levando se em conta a totalidade do conhecimento acumulado, condições de vida e de estudo compatível com a atualização diária do conhecimento;

→ Uma Escola em que os estudantes e os professores sejam sujeitos e produtores do conhecimento e não reprodutores dos interesses do capital;

→ A defesa da Educação gratuita, laica, científica de qualidade em todos os níveis, para todos, sem a presença dos vestibulares e da educação privada, voltada para os meios de produção coletivos (práxis social) e não para a miséria da humanidade que é a produção privada;

→ Sequência automática do Ensino Médio para a formação superior (direto para a universidade – pública e sem vestibular).

Reivindicações que devem fazer parte da luta pelas necessidades básicas de todos os trabalhadores

Salário mínimo dos países imperialistas:

EUA: 824 dólares = R\$1425,52
Espanha: 666 dólares = R\$ 1.012,32
França: 1254 euros = 1906 dólares = R\$ 3297,51
Alemanha: só possui Salário Mínimo na Construção Civil, de 825 dólares = R\$1427,25

Inglaterra: 1361 euros = 2068,72 dólares = R\$ 3578,88

Japão: em média, 103 999,90 ienes = 963,31 dólares = R\$ 1345,07

Considerando que mesmo nos Países Imperialistas os direitos fundamentais dos trabalhadores não são garantidos; considerando os salários dos parlamentares (representação burguesa) no mundo todo, devemos defender um salário mínimo de R\$ 3.000,00.

Por uma educação socialista

O movimento intelectual engendrado no interior de uma determinada sociedade existe no sentido de manter os homens na realização de trabalhos necessários à sobrevivência num determinado espaço e tempo. A isto denominamos educação. Ela invariavelmente tende a reproduzir as relações sociais impostas ou geradas a partir do processo de produção e aquisição/distribuição desta. Quando este processo é contraditório, injusto, desigual, exploratório, autoritário e permeado pela divisão do trabalho, também o movimento/trabalho intelectual também o será. A educação burguesa predominante tem esse caráter, de educar ou produzir as idéias que lhe convenham e propiciem o trabalho e a exploração deste. A educação capitalista tem o caráter doutrinador e alienante reproduzido por sua base estrutural.

Desde a antiguidade percebemos este movimento que levou os homens a superação das adversidades impostas pela natureza. Este movimento tem a propriedade de permitir a evolução da sociedade no bojo do desenvolvimento das forças produtivas. No entanto, a educação pode estar mais perto da ciência ou afastada desta ao ser envolvida ou liberta de uma estrutura movida por magia, misticismo e religião. Segundo Gordon Childe:

As superstições imaginadas pelo homem e as entidades fictícias eram, presumidamente, necessárias para fazê-lo sentir-se à vontade no seu ambiente e tornar suportável a vida. Não obstante, a procura de esperanças vãs e de atalhos ilusórios sugeridos pela magia, pela religião, repetidamente afastou os homens do caminho mais difícil do controle da natureza pelo seu entendimento. A mágica parecia mais fácil do que a ciência, tal como a tortura é mais fácil do que a coleta de provas.

Logo que a educação deformadora de espírito científico permanece até hoje como entrave ao progresso técnico e bem estar dos homens. Continuando o pensamento de G. Childe:

A magia e a religião constituíram o andaime necessário para sustentar a crescente estrutura da organização social e da ciência. Infelizmente, o andaime dificultou, muitas vezes, a execução dos objetivos e o progresso da construção permanente. Serviu, mesmo, para apoiar uma fachada falsa, atrás da qual a estrutura fundamental ficou ameaçada. A revolução urbana, possibilitada pela ciência, foi explorada pela

superstição. Os principais beneficiários das realizações dos agricultores e artesãos foram os sacerdotes e reis. A magia mais que a ciência, foi assim entronizada e investida de autoridade do poder temporal..

Em pleno século XX, com o fabuloso progresso científico em torno da robótica e a intercomunicação de milhões de pessoas ao concomitantemente, ainda se propaga em nosso tempo a magia e religião, alicerçando a educação a serviço da exploração do homem pelo homem – “é infantil indagar por que o homem não progrediu diretamente da miséria de uma sociedade pré-classes para as glórias de um paraíso sem classe, ainda não realizado em alguma parte” (Gordon Childe).

Houve, pois, uma arquitetura para atrasar a humanidade de seu dever. Considerando o momento atual, onde presenciamos a terceira revolução industrial, verificamos que persiste o entesouramento da ciência nas mãos da classe dominante e que a produção do conhecimento é admitida somente no campo da ideologia burguesa; por idéias que aumentem a produtividade e extração de lucro e que amparem e justifiquem nosso estado de coisas. Os

mesmos que se valem dos avanços e excluem a classe trabalhadora dos benefícios da época. Em nome do progresso criam-se hidroelétricas, poços de petróleo e ao mesmo tempo se expulsam as populações nativas destas regiões. Sob o manto da democracia os imperialistas norte-americanos, aliados com a os países do G8, implantam o terror e a guerra de rapina no mundo.

A educação socialista é aquela onde se verifica os princípios científicos, ou seja, de materialismo histórico e dialético. Há de romper com os limites heréticos impostos pela classe dominante, reconquistando o caráter primordial da função de todo trabalho intelectual: manter os homens na realização de trabalhos necessários à sobrevivência, num determinado espaço e tempo, porém visando o desenvolvimento das forças produtivas e a evolução do homem no processo de produção e reprodução (base material de qualquer sociedade), que somente são ilimitados com socialização dos meios de produção, com o fim da exploração do trabalho, com o fim do lucro sobre as relações comerciais, com a aquisição coletiva e equânime da produção coletiva – a harmonia, enfim, entre os processos e relações de produção.

O sistema educacional brasileiro

No Brasil estão sendo incorporados todos os progressos técnicos, como o uso de transgênicos, sistema de intercomunicações e etc. Mas o sistema educacional não questiona a finalidade e conseqüências destes avanços. O aumento da produtividade dentro dos marcos do capital não significa o desenvolvimento das forças produtivas como um todo. Em última instância compreende a maior extração de lucros advindos da exploração do trabalho com a modernização, otimização e aprofundamento da barbárie. Sem o estudo dialético das conseqüências a cerca dos transgênicos, por exemplo, implica-se um monstruoso perigo à diversidade das espécies, ao equilíbrio genético e a todo o eco-sistema. Pois que toda nova conquista

tecnológica sob o regime do capital está condicionada a obtenção de lucro.

As igrejas no Brasil crescem em número e diversidade, pregando o conformismo e a crença em milagres. O presidente do Brasil apresenta índices de crescimento e aumento do PIB para propagar a idéia destes milagres econômicos. Recordamos os anos 70 onde também se propagava o milagre Brasileiro, com slogan de “este é um Brasil que vai para frente”, que esconde a realidade das centenas de revolucionários que foram torturados e mortos, porque questionavam o sistema econômico e educacional no Brasil, eram contra o acordo Mec Usaid, e o projeto

integralista do Brasil e EUA. Cabe ressaltar que este projeto integralista, massificador, foi

coroado com o projeto neoliberal, que faz aumentar a exploração em todos os sentidos.

APEOESP

Medidas de Serra são de cunho fascista

O “planejamento” deste ano e a imposição do jornal do aluno demonstraram um caráter já mais visto na educação pública paulista; literalmente, os professores foram impedidos de fazer qualquer tipo de discussão em relação ao projeto da escola, aos conteúdos a serem transmitidos aos alunos; a comunidade escolar está cada vez mais distante dos problemas da escola, ou melhor, só é chamada para resolver problemas de indisciplina de alunos ou então para buscar os boletins de notas; o Conselho de Escola não funciona mais, pois as coisas já vêm prontas de cima.

A escola não discute mais o currículo e o Estado capitalista se permite em falar em

democracia, democracia essa que impõe tudo de forma arbitrária. Foi exatamente assim que ocorreu: o governo retirou aulas de Artes, Filosofia, Matemática e Português para colocar a disciplina de apoio curricular – pura enrolação.

Os Diretores de escola agora estão com super poderes: mandam e desmandam na escola e nos profissionais.

Abaixo o autoritarismo e a democracia burguesa! Por um Projeto Político Pedagógico autônomo e com a participação direta da comunidade escolar! Todo poder ao Conselho de Escola, ao Grêmio estudantil livre e a comunidade em geral.

Assembléia e Greve

Sempre que os professores coletivamente se reúnem, discutem e deliberam sobre seus interesses, além daqueles que dizem respeito à defesa da escola e do ensino pública. A assembléia do dia 14 de março teve esse papel e mais: com a indignação em que se encontra a categoria, devido às medidas educacionais de Serra, veio à tona a discussão sobre a GREVE – nada mais justo. As assembléias e as greves são instâncias legítimas na luta dos trabalhadores; todas as vezes que os trabalhadores reivindicam e enfrentam os ataques dos governos e patrões, o saldo tem sido positivo, tanto em termos de conquistas como em nível de consciência de classe. A luta direta dos professores da rede estadual paulista até 2000 teve esse caráter; de 2001 até os dias de hoje as perdas se acumulam em número, gênero e grau.

Só existe uma saída: construir a unidade da categoria, da comunidade escolar e, conseqüentemente, a GREVE em GREVE para derrotar o projeto de Serra e Lula, além de exigirmos nossas reivindicações, quais

sejam: Salário Mínimo Vital de R\$ 3.000,00, para professor em início de carreira; Escala Móvel de Salário; isonomia salarial e de direitos entre os professores da ativa e aposentados; uma jornada única de trabalho de 20 horas-aula semanais; estabilidade para todos os professores OFAs; contratação dos professores eventuais por uma jornada de 20h-aula semanal; evolução funcional: por tempo de trabalho (automática, sem condicionantes) e acadêmica (aberta e reconhecendo todos os cursos); Coordenador Pedagógico e Orientador Educacional por período; volta da grade curricular de 1997 com todas as disciplinas; redução do número de alunos por sala – máximo de 25; contratação de todo o quadro de funcionários da escola; Adicional de Local de Exercício (ALE) para todas as escolas.

Não aceitamos a política divisionista e disciplinadora do BÔNUS, porém somos contra a qualquer devolução, uma vez que já foi pago como parte do salário de 2008.

TODOS À ASSEMBLÉIA ESTADUAL DIA 04 DE ABRIL, ÀS 14 HORAS, NO MASP - AVENIDA PAULISTA.

Professor (a), a sua participação é decisiva; mobilize-se com os seus pares e comunidade para defender seus direitos e a escola pública.

Saída dos ÔNIBUS, às 13 horas, da **Subsede da Apeoesp de Diadema - Rua São Joaquim, 184, Centro.**

A perversidade do sistema

Para a burguesia, pouco importou ou importa se tem alguém morrendo de fome ou por qualquer outro motivo; as necessidades básicas dos trabalhadores não são alcançadas mesmo com o travar da luta corporativa.

Cada mais os trabalhadores sofrem as conseqüências do desemprego, alto custo de vida, rebaixamento de salários, as dívidas com os cartões de créditos e, se não bastasse, as jornadas estafantes de trabalho chegam a triplicar - é o caso dos professores; as péssimas condições de trabalho, perseguições e imposições são marcas registradas do capitalismo e dos planos governamentais - é o fascismo mascarado de democracia burguesa.

Tudo isso é fruto do capitalismo decadente em crise e que ao contrário dos reformistas, não há progresso nenhum para a humanidade viver nesse sistema. Haja vista o que ocorre com o planeta (devastação das florestas, aquecimento global, poluição dos mares, etc.).

Os partidos burgueses e pequeno-burgueses, as maiorias dos dirigentes das organizações operárias se encaixam no rol dos reformistas, pois vêem a possibilidade de que as reformas do capital imperialista podem resolver os problemas dos trabalhadores. É por isso que, nos seus discursos, não se coloca como principal causa da humanidade o sistema capitalista e sim os seus gerentes - os governos.

A luta dos reformistas para conquistar uma vaga no parlamento é constante; a luta pelas CPI's para "combater" a corrupção, que é própria do capitalismo, tem sido comum. Mas nada disso adianta, porque o problema é do capitalismo e seus mandatários (classe dominante). Os reformistas só têm levado atraso político à classe trabalhadora.

Nosso entendimento é do Manifesto Comunista de 1848 (de Marx e Engels), em que se expõe o problema da humanidade como sendo a propriedade privada dos meios de produção e que a situação de miséria a que estão submetidos os trabalhadores do mundo não pode ser resolvida, nem pelos capitalistas nem pelos reformistas; que para acabar com as contradições do capitalismo é necessária uma organização internacional da vanguarda proletária, com um programa que dê vazão às lutas de classes e à expropriação da burguesia rumo à socialização dos meios de produção - o Socialismo.

Nesse sentido, é preciso colocar em evidência: o capitalismo está em crise sim; é um sistema que por essência visa a acumulação de riquezas nas mãos de poucos magnatas em detrimento da mão de obra assalariada da maioria da classe trabalhadora - mais valia; que mais do que nunca os governos a cada dia saqueiam as conquistas históricas dos trabalhadores - aposentadoria, por exemplo.

A educação sofre com os reflexos da crise capitalista e suas reformas

A educação tem sofrido maus bocados. As reformas educacionais implementadas nos últimos anos só têm agravado os problemas com a escola e o ensino público, as condições de trabalho e de salário dos professores só têm piorado. O Estado de São Paulo tem sido um bom exemplo de catástrofe para o ensino público; ganha em riquezas e perde em qualidade de ensino.

A reforma educacional aprofundada no governo Lula/PT abrange todos os níveis de ensino, desde infantil até o ensino universitário; seu caráter é o de privatizar o ensino público para atender os interesses da burguesia em geral e em especial os

interesses dos empresários da educação. A reforma no currículo do ensino médio e no ensino universitário se adequam às exigências do mercado de trabalho ou das novas tecnologias e, em contrapartida o conhecimento científico deixa de existir.

“A destruição e desmonte do Sistema de Ensino Público, não é uma escolha da burguesia, é uma necessidade para o desenvolvimento do seu capital e sua existência! (...) Na mesma medida, a revolução proletária, não é uma opção, mas uma necessidade inadiável dos trabalhadores, sob pena de aprofundar-se e sucumbir na barbárie social.”

Governo Serra implementa ações para o cumprimento de metas imperialistas para a educação

O governo demite em 31/12/2007 todos os Coordenadores Pedagógicos e só permite a volta destes em fins de março de 2008, isso para o Ensino Fundamental II e Médio; os Coordenadores das escolas de 1ª a 4ª séries só retornarão a função no 2º semestre do ano letivo. Com isso, desvia milhões de reais da educação pública.

Seguindo a mesma lógica anterior, reduz a matriz curricular do Ensino Médio ao diminuir aulas importantes para a formação dos jovens, como filosofia; se não bastasse, acaba com Sociologia e Psicologia. Em contraposição, cria as disciplinas de apoio curricular que, segundo o governo, vai ajudar os alunos a pensarem mais – pura enrolação.

Para punir os professores que acumulam cargos, contrariando mesmo a LC 836/97, impõe o HTPC de duas horas consecutivas. Vários professores tiveram que se exonerar de um cargo e outros estão brigando na justiça para ter direito de trabalhar.

O governo vai promover uma acentuada redução no quadro de funcionários das escolas ao estabelecer nova forma de contratação de apenas 03 (três) por escola,

sendo um total de 20 mil para toda a rede. Ou seja, a precariedade nas escolas vai continuar.

Por indicação política de Dirigentes Regionais de Ensino e por critérios alheios aos trabalhadores da educação, o governo, através de decreto retira o ALE de escolas e concede para outras que antes não tinham. É o caso de muitas escolas em Diadema. A municipalização do ensino no Estado de São Paulo (uma exigência da LDB), como extensão das políticas do governo federal, será concluída até 2009. Não a Municipalização do Ensino!

Para colocar em prática as metas e as ações, o governo reajusta os salários dos Dirigentes, Supervisores, Diretores e Coordenadores Pedagógicos, desconsiderando aqueles que carregam as escolas nas costas: os professores. Com isso, a repressão e perseguição no interior das escolas só tende a aumentar.

A saída do professorado, enquanto trabalhador da educação pública, na luta por melhores salários e emprego é uma só: desenvolver a unidade na luta com os demais trabalhadores, colocando-se no contexto da luta do proletariado contra a exploração burguesa.

